

# Maravilhosa Bíblia



SÉRIE ✱ TEOLOGIA ESPIRITUAL

# **Maravilhosa Bíblia**

A arte de ler a Bíblia com o Espírito

---

EUGENE H. PETERSON

*Traduzido por Neyd Siqueira*



Editora Mundo Cristão  
São Paulo

Copyright © 2006 por Eugene H. Peterson  
Publicado originalmente por William. B. Eedmans Publishing, Grand Rapids, EUA

*Editora responsável:* Silvia Justino  
*Editora assistente:* Tereza Gouveia  
*Assistente editorial:* Miriam de Assis  
*Preparação:* Omar de Souza  
*Revisão:* Jefferson Rodrigues  
*Coordenação de produção:* Lilian Melo  
*Supervisão de produção:* Ester Tarrone  
*Colaboração:* Pâmela Moura  
*Capa:* Douglas Lucas  
*Imagem:* Rosemarie Gearhart

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Internacional), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.  
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*  
*(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)*

---

Peterson, Eugene H.  
Maravilhosa Bíblia: A arte de ler a Bíblia com o espírito / Eugene H. Peterson; traduzido por Neyd Siqueira. — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Título original: Eat this book: a conversation in the art of spiritual reading.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-7325-537-9

1. Bíblia — Crítica e interpretação 2. Bíblia — Leitura 3. Espiritualidade  
4. Vida cristã — Ensino bíblico I. Título. II. Série.

08-03892

CDD-220.071

---

*Índice para catálogo sistemático:*

1. Bíblia: Leitura: Estudo e ensino 220.071  
Categoria: Espiritualidade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:  
Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

1ª edição: junho de 2008

Assim me aproximei do anjo e lhe pedi que me desse o livrinho. Ele me disse: “Pegue-o e coma-o! Ele será amargo em seu estômago, mas em sua boca será doce como mel”. Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo.

São João, o teólogo



Para Jon e Cheryl Stine,  
companheiros fiéis pelas  
trilhas deste texto.



## Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
1. “Leitura espiritual, a disciplina proibida”	17
Parte I	
Coma este livro	29
2. A comunidade dos santos, à mesa, com as Escrituras Sagradas	31
3. As Escrituras como texto: aprendendo o que Deus revela	39
O Deus que revela e se revela	40
A Santíssima Trindade: uma questão pessoal	41
Despersonalizando o texto	44
A trindade substituta	46
Hoshia	51
4. As Escrituras como forma: seguindo o caminho de Jesus	53
A história	56
A frase	65
5. As Escrituras como roteiro: desempenhando nosso papel no Espírito	75
A Bíblia incompatível	78
O imenso mundo da Bíblia	82
Obediência	85
A leitura litúrgica das Escrituras	88
Espiritualidade virtuosa	92

Parte II	
<i>Lectio divina</i>	95
6. <i>Caveat lector</i>	97
7. “Orelhas que cavaste para mim”	107
<i>Lectio</i>	109
<i>Meditatio</i>	115
<i>Oratio</i>	119
<i>Contemplatio</i>	126
Parte III	
A companhia dos tradutores	135
8. Os secretários de Deus	137
Tradução para o aramaico	137
Tradução para o grego	142
Tradução para o inglês	145
9. A mensagem	153
Oxirrinco e Ugarite	157
Perdido na tradução	182

## Agradecimentos

OS PRIMEIROS RASCUNHOS DESTE MATERIAL, agora consideravelmente revisado, surgiram pela primeira vez nos boletins *Cruce* e *Theology Today*. Porções do manuscrito foram apresentadas em palestras no Regent College, em Vancouver, como as “Palestras de Glenhoe” no Seminário Louisville e no Centro de Estudos Schloss-Mittersill, na Suíça. Parte do material sobre metáfora, no capítulo 7, foi extraída de *Where Your Treasure Is* [Onde está o seu tesouro] (Grand Rapids: Eerdmans, 1993).

Os professores Iain Provan e Sven Soderlund, colegas do Regent College, empreenderam uma leitura cuidadosa do manuscrito. Sua ajuda foi inestimável, aprimorando o material muito além de minhas expectativas. Jon e Cheryl Stine foram companheiros resolutos e perseverantes nessa tarefa interminável que é preparar refeições nas quais o prato principal é a Palavra de Deus. *Maravilhosa Bíblia* é dedicado a eles.



## Prefácio

EM UM SÁBADO DE OUTUBRO, ao meio-dia, minha esposa foi buscar nosso neto de sete anos na Igreja da Santa Natividade. Hans vinha freqüentando uma classe de preparação para a primeira comunhão. Em seguida, tomaram a direção de um museu local, onde visitariam uma exposição de pedras preciosas dirigida ao público infantil. No caminho, sentaram-se no banco de um parque da cidade para almoçar. Hans falava o tempo todo desde que haviam saído da igreja. Terminado o almoço — o dele era um sanduíche de alface e maionese que preparara sozinho, conforme explicara: “Estou tentando comer alimentos mais saudáveis” —, Hans afastou-se da avó, pegou na mochila um Novo Testamento que acabara de receber do pastor, abriu, ergueu à altura dos olhos e começou a ler, movendo os olhos ao longo da página, em um silêncio tão profundo quanto incomum. Um longo minuto depois, ele fechou o Novo Testamento e o guardou novamente na mochila. “Tudo bem, vovó, estou pronto. Vamos ao museu.”

A avó ficou impressionada. Também achou graça, pois Hans ainda não sabe ler. Ele quer ler. A irmã sabe ler. Alguns de seus amigos também sabem, mas Hans ainda não aprendeu. E ele *sabe* que não sabe ler. De vez em quando, ele anuncia: “Eu não sei ler”, como se tentasse nos lembrar o tempo todo do que ele está perdendo.

O que ele fazia, então, ao *ler* o Novo Testamento no banco do parque naquele sábado de outubro?

Mais tarde, quando minha esposa me contou essa história, também fiquei intrigado e achei graça. Alguns dias depois, porém, a história ganhou contornos de parábola em minha mente. Na ocasião, eu estava totalmente envolvido na preparação deste livro, uma longa conversa sobre a prática

da leitura espiritual. Achava difícil concentrar meus potenciais leitores no tema. Eles continuavam se transformando em uma multidão sem rosto, composta por gente que lê ou não lê a Bíblia, gente que a ensina e gente que a anuncia. Será que existe algum impedimento, alguma dificuldade comum a todos nós quando pegamos nossas Bíblias e abrimos? Acredito que sim. E foi Hans quem me colocou no foco.

\* \* \*

Leio a Bíblia desde que era apenas um pouco mais velho que Hans. Vinte anos depois de começar a ler a Palavra, eu me tornei pastor e professor; por mais de cinqüenta anos, tenho me empenhado para gravar as Escrituras na mente e no coração, nos braços e nas pernas, nos ouvidos e na boca de homens e mulheres. Não considero uma tarefa fácil. E por que não é fácil?

A questão pode ser resumida da seguinte maneira: no que diz respeito às Escrituras cristãs, o desafio — nunca desprezível — é fazer que sejam lidas, mas em seus próprios termos, como a revelação de Deus. À primeira vista, parece ser a coisa mais fácil do mundo. Depois de cinco ou seis anos de estudos que a congregação inteira ajuda a pagar, a maioria de nós consegue ler quase tudo o que está escrito na Bíblia. Se você não possui um exemplar e não tem condições de comprar, pode encontrar uma Bíblia em qualquer hotel do país e levar para casa. E sem medo de ser preso: quem neste mundo foi alguma vez acusado de mau comportamento e mandado para a prisão por roubar uma Bíblia?

No entanto, quando se trata de vida cristã, um dos aspectos mais negligenciados está diretamente relacionado à questão da leitura das Escrituras. É verdade que o cristão possui Bíblia e se entrega à leitura desse livro, que considera a Palavra de Deus. No entanto, negligencia a leitura das Escrituras de maneira formativa: ler para viver.

Lá estava Hans no banco do parque, os olhos percorrendo as páginas de sua Bíblia, *lendo* sem ler; reverente e concentrado, mas sem compreender; honrando esse livro da maneira mais preciosa, mas sem perceber sua relação com o sanduíche de alface e maionese que acabara de comer ou com o museu que estava prestes a visitar, alheio à avó ao seu lado; Hans *lendo* sua Bíblia. Uma parábola.

Uma parábola sobre a despersonalização das Escrituras, transformadas em um objeto a ser honrado; desligadas dos fatos que precedem e se sucedem à sua leitura, do almoço e do museu; as Escrituras em um parque, muito acima da vida nas ruas; um texto colocado num pedestal como um monumento ao livro, protegido dos ruídos e do mau cheiro de diesel exalado pelos caminhões por um gramado amplo e bem cuidado.

É tarefa do Diabo destruir a ternura e a inocência de Hans, perpetuando-as em uma vida inteira de leitura marcada por uma leitura dedicada, porém, indiferente.

Contrariando o Diabo, faço questão de dizer que, para ler as Escrituras adequada e corretamente, é necessário, ao mesmo tempo, vivê-las — não que esse deva ser um pré-requisito para a leitura da Bíblia, mas devemos vivê-la enquanto a lemos, vida e leitura recíprocas, linguagem corporal e palavras ditas, ir e vir, incorporando a leitura à vida, a vida à leitura. Ler as Escrituras não é uma atividade distinta de viver o evangelho, mas integrada nele. Significa deixar que outro participe de tudo o que dizemos e fazemos. É assim mesmo, muito fácil. E também difícil.



# 1

## “Leitura espiritual, a disciplina proibida”

HÁ ALGUNS ANOS, eu tinha um cachorro que gostava de ossos grandes. Para a sorte dele, morávamos em uma área florestal ao pé das montanhas de Montana. Em seus passeios pela floresta, ele freqüentemente encontrava carcaças de cervos de cauda branca que os coiotes matavam. Mais tarde, aparecia em nosso quintal de pedras ao lado do lago carregando ou arrastando seu troféu, geralmente uma perna ou uma costela. Era um cachorro pequeno, e o osso quase sempre era do tamanho dele ou ainda maior.

Quem já teve um cão conhece a rotina: ele pulava e saltava alegremente diante de nós com seu prêmio, sacudindo o rabo, orgulhoso da descoberta, pedindo nossa aprovação. E, é claro, nós aprovávamos. Éramos generosos em elogios, afirmando que ele era um excelente cachorro. Depois de algum tempo, saciado com nossos louvores, ele arrastava o osso até algum lugar mais privativo, geralmente à sombra de uma grande pedra coberta de musgo, e passava a trabalhar em seu achado. As implicações sociais do osso ficavam para trás; o prazer agora se tornava solitário. Ele roía o osso, virava-o de um lado para o outro, girava, lambia e sacudia. De vez em quando, ouvíamos um ruído surdo ou um rosnado, o equivalente ao ronronar de um gato. Era evidente que estava se divertindo e não tinha pressa. Depois de algumas horas que custavam a passar, ele enterrava o osso e voltava no dia seguinte para apanhá-lo. Um osso médio durava cerca de uma semana.

Eu sempre me alegrava com a alegria de meu cachorro, com seu jeito sério de brincar, a espontaneidade infantil, agora totalmente absorvido na “única coisa necessária”. Imagine, porém, meu deleite ainda maior quando

li Isaías e encontrei o profeta-poeta observando algo similar ao que eu gostava tanto em meu cão, com a diferença de que o animal dele era um leão, e não um cachorro: “Assim como quando o leão, o leão grande, ruge ao lado da presa...” (Is 31:4). “Ruge” foi a palavra que me chamou a atenção e produziu uma nova explosão de alegria em meu ser. O que meu cachorro fazia com seu osso precioso, provocando aqueles ruídos guturais de deleite enquanto roía, aproveitava e saboreava o seu prêmio, o leão de Isaías fazia com sua presa. O mais prazeroso foi notar a palavra hebraica traduzida nessa passagem bíblica por “rugar” (*hagah*), geralmente traduzida como “meditar”, como no salmo número 1, que descreve o homem (ou a mulher) abençoado cuja “satisfação está na lei do SENHOR”, na qual “medita dia e noite” (v. 2). Ou no salmo 63: “Quando me deito lembro-me de ti; penso em ti durante as vigílias da noite” (v. 6). Isaías, porém, usa essa palavra para se referir a um leão rugindo sobre a presa, como meu cão enquanto mordida o osso.

*Hagah* é uma palavra que nossos ancestrais hebraicos usavam frequentemente para se referir ao tipo de leitura que trata de nossa alma. “Meditar”, porém, é um termo muito leve para o que está sendo especificado. “Meditar” parece mais adequado ao que faço em uma capela silenciosa, de joelhos, com uma vela queimando no altar. Ou o que minha esposa faz sentada em um jardim de rosas com a Bíblia aberta sobre o colo. Mas, quando o leão de Isaías e o meu cachorro meditavam, eles mastigavam e engoliam, usando os dentes e a língua, o estômago e os intestinos: o leão de Isaías meditando o seu bode (se é que se tratava de um); meu cão meditando o seu osso.

Há certo tipo de escrita que convida a esse tipo de leitura: ronronar suave e rosnados baixos, enquanto experimentamos e saboreamos, aguardamos com ansiedade e comemos aos bocados as palavras doces e temperadas que dão água na boca e energizam a alma. “Provem, e vejam como o SENHOR é bom” (Sl 34:8).

Isaías emprega a mesma palavra (*hagah*) algumas páginas depois para o gemido (arrulhar) de uma pomba (38:14). Um leitor cuidadoso desse texto entendeu o espírito da palavra quando afirmou: *hagah* significa que a pessoa está “perdida em sua religião”,<sup>1</sup> que era exatamente a relação de

<sup>1</sup> A. NEGOITA, *Theological Dictionary of the Old Testament*, G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren (ed.), Grand Rapids: Eerdmans, 1978, vol. 3, p. 321.

meu cachorro com o osso. O barão Friedrich von Hügel comparou esse método de leitura a “permitir que uma pastilha expectorante se dissolva lenta e imperceptivelmente em sua boca”.<sup>2</sup>

\* \* \*

Estou interessado em cultivar esse tipo de leitura, não só a única modalidade condizente com o conteúdo de nossas Sagradas Escrituras, como também com todo tipo de escrita que pretenda transformar a nossa vida, e não apenas enfiar alguma informação adentro em nosso cérebro. Toda escrita séria e boa prevê exatamente esse tipo de leitura — de maneira reflexiva e lenta, um flerte com as palavras, em contraste com o ato de devorar informações. Nossos escritores canônicos, que lutaram para traduzir a revelação divina em frases hebraicas, aramaicas e gregas — Moisés e Isaías, Ezequiel e Jeremias, Marcos e Paulo, Lucas e João, Mateus e Davi, juntamente com seus numerosos irmãos e irmãs, identificados ou não no decorrer dos séculos —, exigem isso. Eles compõem uma escola de escritores usados pelo Espírito Santo para gerar as Sagradas Escrituras, assim como para nos manter em contato com a realidade e reagir diante dela, quer visível ou invisível: a realidade de Deus, da presença de Deus.

Todos se distinguem por uma profunda confiança no “poder das palavras” (expressão usada por Coleridge) para nos levar à presença de Deus e mudar nossa vida. Ao se juntar aos escritores das Sagradas Escrituras, somos instruídos em uma prática de leitura e escrita infundida de enorme respeito — mais que respeito, profunda reverência — pelo poder revelador e transformador das palavras.

A primeira página do texto cristão para a vida, a Bíblia, conta-nos que todo o cosmos e cada ser que nele vive tomaram forma por meio de palavras. São João escolhe o termo “Palavra” para dar conta, em primeiro e último lugar, do que é mais característico sobre Jesus, a pessoa no centro revelado e revelador da história cristã. A linguagem, falada e escrita, é o meio principal para nos apresentar ao que *existe*, ao que Deus é e ao que está fazendo. Trata-se, no entanto, de uma linguagem de certa estirpe, e não de palavras separadas de nossa vida, as mesmas utilizadas em listas de

<sup>2</sup> Barão Friedrich VON HÜGEL, *Selected Letters*, New York: E. P. Dutton, 1927, p. 229.

supermercado, manuais de computação, gramáticas francesas e livros de regras de basquete.

O objetivo direto ou indireto dessas palavras é entrar em nós, trabalhar em nossa alma, formar uma vida de acordo com o mundo que Deus criou, a salvação que ele ordenou e a comunidade que ele reuniu. Tal escrita pressupõe e exige determinada modalidade de leitura, do tipo “cão e osso”.

Escritores de outras tradições de fé e outros que não seguem qualquer tradição — ateus, gnósticos, secularistas — têm, é claro, acesso a essa escola e se beneficiam imensamente da experiência que ela propicia no que concerne à santidade das palavras. O adjetivo “espiritual”, porém, serve para identificar como os escritores que escreveram coletivamente a Bíblia usaram a linguagem para formar “a mente de Cristo” em seus leitores. O adjetivo continua a ser útil para identificar os homens e as mulheres pós-bíblicos que continuam a escrever textos jornalísticos e comentários, estudos e reflexões, histórias e poemas para nós, enquanto prosseguimos submetendo a nossa imaginação à sintaxe e à dicção dos mestres bíblicos, cuja finalidade é nos moldar. No entanto, as Escrituras Sagradas constituem documento original, a fonte de autoridade, a obra do Espírito definitiva em toda a verdadeira espiritualidade.

O que desejo deixar claro é que a escrita espiritual — aquela originária do Espírito — exige uma leitura igualmente espiritual, que honre as palavras como sagradas, por intermédio das quais se forma uma teia complexa de relacionamentos entre Deus e o ser humano, entre todas as coisas visíveis e invisíveis.

Só há uma modalidade de leitura que corresponde às nossas Sagradas Escrituras, uma forma de escrita que confia no poder das palavras para penetrar nossa vida e criar verdade, beleza e bondade — uma escrita que requer um leitor que, nas palavras de Rainer Maria Rilke, “nem sempre permanece curvado sobre as páginas; ele freqüentemente se recosta e fecha os olhos sobre uma linha”.<sup>3</sup> Essa é a maneira de ler citada por nossos ancestrais como *lectio divina*, muitas vezes traduzida como “leitura espiritual”, leitura que penetra em nossa alma como o alimento que entra no estômago, espalhando-se pelo sangue e transformando-se em santidade, amor e sabedoria.

<sup>3</sup> *Os cadernos de Malte Laurids Briggs*, São Paulo: Mandarim, 1996.

\* \* \*

Em 1916, um jovem pastor suíço, Karl Barth, fez um discurso no povoado vizinho de Leutwil, onde seu amigo Eduard Thurneysen era pastor. Barth tinha trinta anos. Ele havia trabalhado como pastor em Safenwil durante cinco anos e estava apenas começando a descobrir a Bíblia. A alguns quilômetros de distância, o restante da Europa estava envolvido em uma guerra, uma batalha epidêmica com mentiras e carnificina que marcou o que um escritor da época (Karl Kraus) chamou de “o fim irreparável do que era humano na civilização ocidental”<sup>4</sup> — evidência política, cultural e espiritual de um mundo que se tornava inexoravelmente o que T. S. Eliot expusera em sua poesia, antecipando o futuro: “a terra assolada”.

Numa época em que mentira e morte eram abundantes, do outro lado das fronteiras alemãs e francesas, na Suíça neutra, aquele jovem pastor descobrira a Bíblia como se fosse pela primeira vez, passando a considerá-la um livro absolutamente singular, sem precedentes. A alma e o corpo da Europa (e, eventualmente, do mundo) estavam sendo violados. Em todos os continentes, milhões de pessoas queriam saber de notícias do *front* e conhecer os discursos dos líderes mundiais, de acordo com o relato dos jornalistas.

Enquanto isso, Barth, em seu pequeno povoado distante, colocava por escrito aquilo que havia descoberto: as realidades extraordinárias desse livro, a Bíblia, cheias de verdade, dando testemunho de Deus, desafiando a cultura. Passados alguns anos, ele publicou o que havia descoberto em seu comentário *Epístola aos Romanos*. Foi o primeiro de uma série de livros que, nos anos seguintes, convenceriam muitos cristãos de que a Bíblia apresentava uma descrição bem mais precisa do que estava acontecendo em seu mundo aparentemente inexplicável do que aquela transmitida a eles por políticos e jornalistas.

Ao mesmo tempo, Barth decidiu resgatar a capacidade dos cristãos de ler as Escrituras de modo receptivo em seu caráter original, transformador. Ele tirou a Bíblia do meio da naftalina em que havia sido guardada por tanto tempo pelos acadêmicos e tantas outras pessoas, demonstrando quão viva ela permanece e como se distingue dos livros que podem ser “manipulados”, ou seja, dissecados, analisados e depois usados conforme a nossa

<sup>4</sup> Citado em George STEINER, *Gamáticas da Criação*, São Paulo: Globo, 2003, p. 269.

conveniência. Ele mostrou, de maneira clara e contundente, que esse tipo *diferente* de estilo (revelador e íntimo, em vez de informativo e impessoal) requer igualmente um tipo diverso de leitura (receptiva e vagarosa, em vez de reservada e acelerada).

Da mesma forma, ele prosseguiu chamando a minha atenção para escritores que haviam assimilado o estilo bíblico, escrevendo de acordo com esse estilo e nos induzindo, como leitores, a reações capazes de transformar a vida. O escritor russo Dostoievski é um exemplo. Em seus romances, ele reproduziu a inversão radical dos valores humanos originais ocorrida em Gênesis, moldando os personagens sob a rubrica do “contudo” divino, e não do “portanto”.

Mais tarde, Barth publicou seu discurso em Leutwil sob o título “O estranho novo mundo no interior da Bíblia”.<sup>5</sup> Em uma época e uma cultura nas quais a Bíblia tinha sido embalsamada e enterrada por duas gerações de eruditos agentes funerários, ele insistiu apaixonada e incessantemente em que “a criança não está morta, mas dorme”, tomando-a pela mão e dizendo: “Levanta-te”. Nos cinquenta anos seguintes, Barth demonstrou o incrível vigor e a energia irradiados a partir das frases e histórias desse livro, assim como nos mostrou como lê-las.

\* \* \*

Barth defendeu a opinião de que nossa leitura da Bíblia, assim como dos escritos moldados por ela, não é orientada pelo desejo de descobrir como incluir Deus em nossa vida e fazê-lo participar de nossa existência. Nada disso. Abrimos o livro e percebemos que, a cada página, ele nos tira da defensiva, nos surpreende e atrai para uma realidade própria, induzindo-nos a um envolvimento com Deus nos termos divinos.

Ele propôs uma ilustração que se tornou famosa. Uso aqui a base de seu relato, mas, com uma pequena ajuda de Walker Percy,<sup>6</sup> tomei a liberdade de incluir detalhes por conta própria. Imagine um grupo de homens e mulheres em um enorme galpão. Eles nasceram nesse galpão, cresceram nele e têm ali tudo de que precisam para suprir as necessidades e viver com conforto.

<sup>5</sup> Karl BARTH, *The Word of God and the Word of Man*, Gloucester: Peter Smith, 1978 (publicado pela primeira vez em 1928), p. 28-50.

<sup>6</sup> Veja *The Message in the Bottle*, New York: Farrar, Straus e Giroux, 1975, p. 119-149.

Não há saídas no galpão, mas há janelas. Elas estão grossas de tanto pó; nunca são limpas e ninguém jamais se preocupa em olhar para fora. Para que olhar? O depósito é tudo o que conhecem. Ali eles têm tudo de que precisam.

Certo dia, porém, uma das crianças arrasta um banquinho para junto de uma janela, raspa a sujeira e olha para fora. Ela vê pessoas caminhando nas ruas; chama seus amigos para apreciarem também. Eles se espremem ao redor da janela — não tinham idéia de que havia um mundo do lado de fora do galpão. Notam, então, uma pessoa na rua olhando e apontando para cima; não demora muito e várias pessoas se juntam, levantando os olhos e falando animadamente.

As crianças olham para cima, mas não há nada para ver além do telhado do galpão. Elas finalmente se cansam de espiar as pessoas na rua agindo de uma maneira esquisita, apontando para o nada e se entusiasmando com isso. Qual o sentido de ficar parado à toa, apontando para o vazio e falando com entusiasmo sobre o nada?

O que aquelas pessoas da rua olhavam era um avião (ou um bando de gansos voando, ou um acúmulo gigantesco de nuvens). Quem passa na rua levanta os olhos e vê o céu e tudo o que há nele. As pessoas no galpão não têm um céu acima delas, apenas um teto.

O que aconteceria, porém, se um dia uma daquelas crianças abrisse uma porta na parede do galpão, insistisse com seus amigos para sair e descobrisse com eles o céu imenso por sobre sua cabeça e o grandioso horizonte adiante? É isso o que acontece, escreve Barth, quando abrimos a Bíblia: entramos em um mundo totalmente desconhecido, o mundo de Deus, de criação e da salvação, que se estende infinitamente sobre e além de nós. A vida no galpão nunca nos preparou para algo assim.

Como era de esperar, os adultos no depósito zombaram das histórias das crianças. Afinal de contas, eles têm o controle completo do mundo do galpão, como nunca seriam capazes de fazer do lado de fora. E desejam manter as coisas desse jeito.

\* \* \*

Paulo foi a primeira criança que raspou a sujeira da janela para Barth, abriu uma porta no galpão e insistiu que ele saísse para o grande e *estranho*

mundo do qual os escritores bíblicos dão testemunho. Em contato com essa escola de escritores, partindo de Paulo, mas logo incluindo toda a faculdade do Espírito Santo, Barth tornou-se um leitor cristão, lendo palavras a fim de ser formado pela Palavra. Só então ele passou a ser um escritor cristão.

A narrativa de Barth sobre o que lhe aconteceu foi publicada posteriormente em *The Word of God and the Word of Man* [A Palavra de Deus e a palavra do homem]. O romancista John Updike afirmou que o livro “apresentou-me uma filosofia para viver e trabalhar e mudou desse modo a minha vida”. Ao receber a medalha *Campion* em 1997, Updike deu crédito à fé cristã revelada na Bíblia recém-descoberta de Barth, por ensinar-lhe, como escritor, “que a verdade é sagrada, e falar a verdade é uma nobre e útil profissão; que a realidade que nos rodeia é criada e vale a pena ser observada; que homens e mulheres são radicalmente imperfeitos e radicalmente valiosos”.<sup>7</sup>

\* \* \*

As primeiras metáforas sobre escrita e leitura que chamaram a minha atenção foram as de Kafka: “Se o livro que estamos escrevendo não nos acordar, como se fosse um punho martelando nosso crânio, por que, então, lê-lo? [...] Um livro deve ser como um machado de gelo para quebrar o oceano gelado dentro de nós”.<sup>8</sup> Àquela altura, por força da vocação de pastor e professor, eu estava envolvido na tarefa de fazer que as pessoas se interessassem pela leitura correta das Escrituras. Fiquei desanimado ao constatar que, para elas, a leitura da Bíblia não parecia muito diferente da maneira pela qual liam a página de esportes, a tirinha cômica ou os anúncios de emprego no jornal. Queria acordar essas pessoas e virá-las ao avesso. Queria que vissem a Bíblia como um livro que bate forte, como uma espécie de machado quebra-gelo. Quando olho para trás, lembro que a estratégia usada por mim naquele tempo era alterar a voz. Eu mal notava a violência nas minhas metáforas; queria *fazer diferença*. Foi então que uma pergunta de Wendell Berry me pegou de surpresa: “Você já acabou de matar/todos

<sup>7</sup> John UPDIKE, *More Matter*, New York: Alfred A. Knopf, 1999, p. 843, 851.

<sup>8</sup> Citado por George STEINER, *Linguagem e silêncio*, São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

os que combatiam a paz?".<sup>9</sup> Compreendi que a violência implícita nessas metáforas não era exatamente adequada ao que eu tinha em mente: guiar leitores cristãos para receberem as palavras das Escrituras Sagradas como alimento para as suas almas.

Em seguida, notei que a metáfora bíblica mais surpreendente sobre a leitura era a de João comendo um livro:

Assim me aproximei do anjo e lhe pedi que me desse o livrinho. Ele me disse: "Pegue-o e coma-o! Ele será amargo em seu estômago, mas em sua boca será doce como mel". Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi; ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo.

Apocalipse 10:9-10

Antes dele, Jeremias e Ezequiel também haviam comido livros — ao que parece, uma boa dieta para qualquer pessoa que se interesse em ler corretamente as palavras.

Para chamar atenção, isso é tão bom quanto Kafka, mas como metáfora é muito melhor. João, esse apóstolo sempre envolvente, pastor e escritor da igreja primitiva, aproxima-se do anjo e pede: "Dê-me o livro". O anjo o entrega, dizendo: "Ei-lo aqui. Coma. Coma o livro".

João faz isto: come o livro — não apenas o lê. O livro agora é parte de seus terminais nervosos, de seus reflexos, de sua imaginação. O livro que comeu constitui as Escrituras Sagradas. Assimilado por sua adoração e oração, por sua imaginação e seus escritos, o livro que comeu foi metabolizado no livro que escreveu, o primeiro grande poema da tradição cristã e o último livro da Bíblia, o Apocalipse.

\* \* \*

O professor Austin Farrer, de Oxford, em suas "Palestras de Bampton", referiu-se à "disciplina proibida da leitura espiritual",<sup>10</sup> característica que as pessoas comuns atribuíram a esse texto formador de suas almas. Proibida

<sup>9</sup> Wendell BERRY, *Collected Poems 1957-1982*, San Francisco: North Point, 1985, p. 121.

<sup>10</sup> *The Glass of Vision*, Westminster: Dacre, 1948, p. 36.

por exigir que leiamos com toda a nossa vida, e não apenas empregando as sinapses em nosso cérebro. Proibida por causa das infundáveis evasivas que inventamos para evitar o risco da fé em Deus. Proibida por causa de nossa incansável criatividade, que nos leva a usar qualquer conhecimento adquirido sobre “espiritualidade” como justificativa para nos sentir como deuses. Proibida porque, quando finalmente aprendemos a ler e decodificar as palavras na página, descobrimos que mal começamos. Proibida porque exige tudo de nós — músculos e ligamentos, olhos e orelhas, obediência e adoração, imaginação e oração.

Nossos ancestrais criaram essa “disciplina proibida” (a expressão que usavam para defini-la era *lectio divina*<sup>11</sup>) como o currículo básico na mais exigente de todas as escolas, a Escola do Espírito Santo, estabelecida por Jesus quando disse aos discípulos: “Quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade [...] receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês ” (Jo 16:13,15; cf. 14:16; 15:26; 16:7-8). Toda escrita que sai dessa escola exige esse tipo de leitura participativa, em que as palavras são recebidas de tal forma que se fixam em nosso interior; os ritmos e imagens se tornando práticas de oração, atos de obediência, estilos de amor.

Palavras faladas ou escritas de acordo com essa metáfora da digestão — aceitas com liberalidade, degustadas, mastigadas, saboreadas, engolidas e digeridas — provocam em nós um efeito muito diferente daquele proporcionado pelas que chegam de fora, seja na forma de propaganda, seja na de informação. A propaganda trabalha a vontade de outra pessoa sobre nós, tentando nos induzir a uma ação ou crença. À medida que somos movidos pela propaganda, nós nos inferiorizamos, tornando-nos marionetes nas mãos de um escritor ou orador. Não há dignidade nem alma em uma marionete. E a informação reduz as palavras à condição de mercadorias que podemos usar segundo a nossa vontade. As palavras são removidas de seu contexto primitivo no universo moral e dos relacionamentos pessoais a fim de serem usadas como ferramentas ou armas. Tal transformação da linguagem em *commodity* também reduz tanto os que falam quanto os que ouvem a simples mercadorias.

Ler é uma dádiva imensa, mas apenas se as palavras forem assimiladas, interiorizadas na alma — comidas, mastigadas, roídas, recebidas com de-

<sup>11</sup> Os detalhes dessa “proibição” são analisados na Parte II, *Lectio divina*.

leite, sem pressa. As palavras de homens e mulheres mortos há muito tempo, ou separados por quilômetros e/ou anos, saltam da página e entram em nossa vida com frescor e precisão, transmitindo verdade, beleza e bondade; palavras que o Espírito de Deus usou e usa para soprar vida em nossa alma. Nosso acesso à realidade se aprofunda até os séculos passados, espalhando-se através dos continentes.

No entanto, essa leitura também carrega consigo perigos sutis. Palavras apaixonadas de homens e mulheres, ditas em pleno êxtase, podem terminar desinteressantes na página e dissecadas por um olhar impessoal. Palavras de fúria, proferidas em meio a um sofrimento excruciante, podem se tornar rudes e secas, montadas e rotuladas como espécimes em um museu. O perigo em toda leitura é o de as palavras serem deturpadas em forma de propaganda ou reduzidas a mera informação, simples ferramentas e dados. Silenciamos a voz viva e reduzimos as palavras ao que podemos usar por conveniência e para obter lucro.

Um salmista zombou de seus contemporâneos por reduzirem o Deus vivo que falava e lhes dava ouvidos a um deus-objeto de ouro ou prata que pudessem usar. "Tornem-se como eles aqueles que os fazem e todos os que neles confiam" (Salmos 115:8). Essa é uma advertência útil quando lidamos diariamente com a incrível explosão de tecnologia de informação e técnicas de propaganda. Essas palavras precisam ser resgatadas.